

Páginas de um Passado distante  
Mossanto!

178/1971

24-1-1919 — Elegia de um Dia de Sal.

Sobre esta página da História — pre-  
citamente a mais interessante, a  
mais limpa, a mais puramente ide-  
~~ologica~~ do regimen republicano —  
nunca escrevi uma linha recordati-  
va, embora tivesse tomado parte  
como combatente de 20 anos,  
ignomante do espirito ~~partidari-~~ <sup>de partidari-</sup>  
no, lisinho da politica, mas com  
a alma refulgente de um ideal  
de beleza, aquarela de sonhos,  
vistas ridente de um mundo me-  
hor, ainda mal delineado, mas  
que se precisaria depois.

1919  
12  
1971

Hoje, após 52 anos passados  
sobre o memorial dia 24 de  
Janeiro de 1919, sinto necessidade  
de fixar esse momento histórico,  
com a alma isenta de preocu-  
pações menos dignas e sem neces-  
sidade de tocar o caminho an-  
tado e os marcos <sup>já</sup> alcançados.

Após o assassinato de Sidónio  
Pais, o ambiente era sombrio,





O mesmo de tenar, naqueles dias  
 de dezembro e nos primeiros de janeiro  
 de 1919. Os elementos sidonistas, excita-  
 dos pela morte do seu chefe, andavam  
 desorientados, resolvendo a cacetada  
 sobre os contrários, ainda indefezos, e  
 sem humar ferido. Os presos amontoa-  
 ram-se nas cadeias. Na do Moussant,  
 além de elementos conhecidos na politica,  
 estava um irmão, Nôzuga Quintal, da  
 Mourada republicana. Os que nã esta-  
 vam presos viviam a vida ~~desolada~~  
 indefinida das épocas de transição,  
 em que se sente na atmosfera ~~opres-~~  
 saturada, opressiva, o rebato de  
 qualquer coisa que vai deflorar  
 ainda nã se sabe como. O governo  
 de então, do Tanagmini Barbose, que ainda  
 era governo do periodo sidonista, mo-  
 trava-se claramente hesitante; era  
 como uma chama que tenta permitir  
 na área de um incêndio que chega  
 na ao seu termo, deixando um res-  
 caldo largo ~~de nada~~ <sup>que ainda</sup> poderia activar-  
 se para ir ou para melhor. Nã  
 se respirava bem, nesse principio do  
 ano, apressava-se.

~~Antes disso~~ Saído da tropa,  
 pouco tempo antes, e onde a vida  
 começada me nã fora própria, vagueava





em pensamento e de facto  
 por uma Lisboa, onde se acaudalava  
 a cada passo os mais descontentes  
 do boato. Nesses dias, muitas  
 vezes subira ao Fante, para, incluído  
 no rol das visitas, levar em com  
o seu com tudo, o men pumbar do  
 confato aos encarcerados.

Depois da morte do Sidónio, as  
 forças monárquicas supozeram  
 chegado o momento de implantar  
 definitivamente a Monarquia em  
 Portugal. E reberitou então no  
 Fante o movimento revolucionário  
 chefiado, entre outros, por Paiva Couceiro,  
~~antão~~ <sup>antão</sup> e persistente renitente  
 combatente das investidas que, de  
 facto, dilaceraram a República  
 por seus primeiros anos. Com o seu  
 cortejo de perseguições, e tratamentos  
 inquiritoriais nos juízos, promoveu-se  
 a fimmar a Monarquia, com mais  
 características de regime injulista,  
 do que de constitucional. Os manar  
juízos entram o fogo, e na sua  
cauida de petro o passado, mostravam  
 o seu espírito absolutista.  
 O governo sidonista, sain do seu



heritadas, e demonstrou a  
 (já desacreditada)  
 sua capacidade, para defender o  
 regime que, como mantido  
 sucederia aos seus vizinhos, fora por ele  
 made ~~por~~ pelo consenso  
 final, perante a monarquia que até  
 se podre. Daí, o apelo de 22 de Janeiro.  
 Então, um povo que vivia barba  
 lático, ~~mas~~ <sup>mas</sup> ancioso, ~~para~~ sem  
 saber o que iria suceder, que,  
 por toda a cidade, reunia em  
 grupos, comentando os aconte  
 cimentos do luto, cujo natiua  
 rio chegava, por diversas vias,  
 arripante perante as atroci  
 dade cometidas, o entusiasmo,  
 que existia, como me adarme  
 cido, no intimo de cada um,  
 entalou um unisono. O  
 povo de Lisboa, o operariado,  
 embora ferido, unites-se, pela  
 atitude dos governantes, esparto  
 das promessas do tempo da no  
 reforma e das <sup>antigas</sup> afirmações  
 rubras, acoren em massa, des  
 cen à rua. O sidonismo este unchava  
 a polia de então, ainda mantida o



receber obrigatório, mas as armas  
 andavam fechadas de gente, até altas  
 horas. No campo Pequeno, reuniu-se  
 enorme multidão e formaram-se  
 muitos batalhões de voluntários. Mas,  
 o povo queria armas e acedia  
 aos depósitos onde as havia.  
 Esta ânsia converteu-se em  
 desespero, quando chegou a noti-  
 cia de que os oficiais monárquicos  
 saíram dos quartéis da Ajuda,  
 e arrestando ~~os~~ coercivamente  
 os soldados consigo, tinham mar-  
 chado para o Forte de Monsanto,  
 e ali arvorado a bandeira azul  
 e branca. Vejo<sup>me</sup> arrestando  
 entre a multidão ululante,  
 fracionada em grupos deci-  
 didos, que iam, uns para  
 o Arsenal, outros para o Museu  
 de Artilharia, a armar-se.  
 O apelo de reunir, gritava "as ar-  
 mas", e etc. Mas, estes receavam,  
 eram sonzeiros, com medo de  
 que o povo feneço, fosse tomar  
 contas as culpas de um ano de



repensar. Senão a noite.  
 Lisboa palpita, preme. O  
 batulho académico ainda está  
 esta devidamente constituído.  
 É uma guerrilha onde palpi-  
 ta o entusiasmo. Há ajunta-  
 mento ~~de armas~~ no depósito de  
 Artilharia, mas não há armas, nem ha-  
 planos. A noite acalhe em  
 si os furos do terror. Momento,  
 sete da Monarquia incipiente,  
 torna-se uma obsessão, aquela  
 noite palpitante de Lisboa  
 de 23, foi de vigília e ainda  
 de busca de meios de depes-  
 e ataque. A pouco e pouco,  
 os combatentes vão-se apoxi-  
 mando do Monumento. Ainda  
 não é o ataque decisivo. Há a  
 Penitenciária ~~acumulando~~  
 há chegado sucessivamente  
 trancas e rezes distintos  
 a lutar, ~~para~~ a impedir que vinha  
 um regime que o povo não  
 ama. Abafa-se nas salas de entalhe





A um canto, meditativo, observando, de pé, um oficial fardado, 2º Jaime Cartezão, cogitando a herba loura. Aguarda-se a madrugada para escalar a Serra. Quando <sup>começa</sup> a dealbar o dia, que parecia de primavera, o caminho da Pimenteira, ao lado do Aqueducto, estava caado de gente. Descia-se ao vale, principiava a subida. E o batalhão made unico, sem chefes - mas eram eles os rapazes dos liceus e universitários que ali estavam - avançava. Ao lado alguns soldados da guarda republicana comandados pelo alferes Martins, ~~que~~ daí a momentos caído por terra. O anel do cerco ia subindo, apenas interrompido por um recuo, devido a uma saída de cavalaria dos monárquicos, naturalmente fulgando-se heróis combatentes em Aldeia Quilic. Mas ali não estavam monstros, mas o povo de Lisboa, inteiro, vibrante, ~~em~~ fazendo





fogo e chalacando, indiferente às balas. As armas de fogo — as mausers, a <sup>aquecidas,</sup> Maandijes e as Kropatchques. — Queimavam os dedos. atrás de nós, viham mulheres e garotos, arrastando os cunhetes, distribuindo os cartuchos aos das primeiras filas. As balas assobiavam, atravessavam os chapéus dos combatentes que não faziam soldado ~~mas~~ <sup>nem</sup> por ela esperavam na sua entrega generosa na luta. Pelo declinar de tarde, iluminada pelo sol que punha reflexos vermelhos nos muros, lá no Forte arrombaram a bandeira branca. Entregaram-se.

A noite caía quando o povo chegou junto da

fonte de entrada no Forte. <sup>deixando ainda no</sup> <sup>caldos as espadas</sup> <sup>de que não eram dignos.</sup>  
 Lá dentro, <sup>ca para soldados dos matas da Ajuda, em unidades</sup> <sup>perfilavam-se os pontos dos canhões dos ofícios que haviam guido,</sup> <sup>sozinhos, entre os quais, o libertador A. J. A. Silva</sup>  
 todos confraternizavam <sup>religiosamente</sup>  
 com o povo político e les.  
 Também eram vovs, Breve,



prestaríamos contas dos  
Seus actos, nem sempre com  
a justiça devida, atendendo a  
a causas imponderáveis que  
explicariam muitos actos. Naite  
caída, reguardamos a Lisboa,  
puro e combatentes.

É esta a elegia os Moura, o  
dia cheio de sal, mulheres e crianças  
cas, garruchos de sempre, vivas  
deusas de outora, ajudando na  
rectificação, um dia, como se  
nada fosse, <sup>indiferente dos outros,</sup> na historia dos individuos  
e das nações.

Depois o rio de Lenda, que  
se abeira para deixar passar  
os farrutos de melhores dias,  
fezbor-se, deixando no fundo,  
vivos para continuarem nos  
pensos de horizontes limitados,  
os situacionistas de todos os tempos.

Enquanto me, fare outros, em  
forte diminuta, a estrada conti-  
nuava, cheia de rosas e de espi-  
rubos, porregrando na busca  
de um ideal, anida nos alcançados.

Francisco Duarte

